PRODUÇÃO DE SENTIDOS E SUJEITOS NOS ENCAIXES E NAS ARTICULAÇÕES ESTÉTICO-LINGUÍSTICAS DO CONTO "A FUGA" DE LYGIA FAGUNDES TELLES

PRODUCTION OF SENSES AND SUJECTS IN THE AESTHETIC AND LINGUISTIC ADJUSTMENT/ARTICULATION OF THE TALE "THE SCAPE" BY LYGIA FAGUNDES TELLES

Ismael Ferreira ROSA[*]

Resumo: Embasados nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, sobretudo nas noções de sujeito, discurso, pré-construído e interdiscurso, de Michel Pêcheux, temos por fito neste trabalho analisar como sentidos e sujeitos são produzidos no conto "A fuga" de Lygia Fagundes Telles. Intentamos, nos mecanismos de encaixe e articulação da organização textual deste conto telliano, escrutinar o funcionamento de elementos pré-construídos e evocações interdiscursivas que irrompem em/de sua materialidade estético-linguística.

Palavras-chave: encaixe, articulação, pré-construído.

Abstract: Based on theoretical principles of discourse analysis, especially on notions of subject, discourse, preconstructed and interdiscourse elabored by Pecheux, it is our aim in this paper to analyze how senses and subjects are produced in the tale "The scape" by Lygia Fagundes Telles. We seek, in adjustment and articulation mechanisms of its textual organization, to scrutinize the functioning of preconstructed elements and interdiscursive evocations that erupt into/from its aesthetic and linguistic materiality.

Keywords: adjustment, articulation, preconstructed.

> Ah! se a gente pudesse se organizar com o equilíbrio das estrelas tão exatas nas suas constelações. Mas parece que a graça está na meia-luz. Na ambiguidade (TELLES, 2010, p. 18).

Considerações Iniciais

O espaço literário, mais que um lugar não-pragmático instaurador de deleites e fruição, um construtor mimético da realidade ou mesmo uma mera organização estético-textual estruturada por uma

[*] Mestre e Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia; membro integrante do Laboratório de Estudos Polifônicos (LEP) da Universidade Federal de Uberlândia e pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos Discursivos (GEDIS) da Universidade Federal de Goiás/*Campus* Catalão. Contatos: ismfero@gmail.com.

forma especial de linguagem, é o lugar da heterogeneidade, da dispersão, da (des)construção de sujeitos e sentidos.

É um espaço que, no batimento entre a realidade e a ficção, mostra-se heteroclitamente constituído por elementos da ordem do histórico, do social, do ideológico, do cultural, do psicológico, do institucional, do linguístico, do estético e, portanto, do discursivo. Na verdade, um intrincamento heteróclito que, pelos meandros estéticos de sua urdidura material-linguística, instaura efeitos-sujeito e efeitos de intersubjetividade, fazendo sujeitos reconhecerem entre si como espelhos uns dos outros (PÊCHEUX, 1997). Um reconhecimento mediante relações de identificação, em que sujeitos identificam-se consigo mesmo e com o outro – "enquanto um ego outro, origem discrepante" (*op. cit.*, p. 167-168) –, pelo funcionamento da ideologia estética da criação e recriação pela leitura.

Com efeito, é um espaço que, pela transmutação de conteúdos cotidianos à criação de um mundo próprio, construído fora da realidade, com seus objetos peculiares, com suas qualidades e propriedades específicas, via discursividade que instaura, permite ao leitor, (não)ver-se nesse mundo, (des)identificar-se com os sujeitos e objetos que são instituídos nesse ínterim estético-linguístico criador e recriador pelos atos de produção e recepção no crivo da leitura. Um domínio, cuja singularidade das formas de organização e expressão das figuras, das imagens, dos objetos, das representações que o configuram – isto é, a esteticidade de que dispõe o referido domínio – possibilita ao leitor lançar (um) olhar(es) sobre esse mundo singular e estético e construir visadas hermenêuticas que, pelas vias de processos identificatórios, instauram subjetividades, fazendo com que, no imo da leitura, efeitos leitores[11] se construam, balizados pelos lugares discursivo-ideológicos em que inscrevem tal leitor.

De fato, a literatura é um campo que, pela sua singularidade estética e sua heterogeneidade peculiar, enseja a construção de múltiplos

[1] Segundo Pêcheux e Fuchs (1993, p. 164), no que se refere à leitura uma das questões centrais é o efeito leitor decorrente de tal atividade. Um efeito leitor "constitutivo da subjetividade, e caracterizado pelo fato de que, para que ele se realize é necessário que as condições de existência deste efeito, estejam dissimuladas para o próprio leitor". Condições que revelam as inscrições sociais, ideológicas, psicológicas, linguísticas, culturais, históricas, políticas, filosóficas, enfim, as inscrições discursivas em cujo ínterim leitores se constituem sujeitos e pelos crivos da quais (des)constrói sentidos para as materialidades estéticas de produções literárias.

e distintos olhares-leitor em relação cogente[22] com as inscrições discursivas dos sujeitos que estabelecem uma contiguidade leitora-interpretativa com textos literários, contiguidade essa marcada pelas formas interpelativas que a superfície estético-linguística de tais textos exercem sobre os leitores: *Quem fala? De que fala? Por que fala? Como fala? Para quem fala?* Uma interpelação estabelecida pela própria natureza da constituição dessa base material do texto literário, cuja superfície de modo algum é límpida ou diáfana, mas marcada por uma profundidade de sentido tão insondável quanto a da matéria. Base instauradora de uma diversidade de ideações, de imagens, de combinações estético-sentidurais, balizadas por um eterno diálogo de linguagens em descontínuo movimento de (trans)formação e (des) construção de sentidos que provocam efeitos.

Sendo assim, para além da estrutura material, linguisticamente organizada; para além dos limites morfonossintáticos da base linguística dos textos literários, do preenchimento de estruturas verbais pelo encaixe de argumentos e a articulação sintática desses argumentos – encaixe e articulação esses marcados pela singularidade e esteticidade –, efeitos se constroem; contradições se instauram; subjetividades se instituem, enfim, sentidos e sujeitos se produzem.

Este será o escopo do trabalho que ora alvitramos: analisar como sentidos e sujeitos são produzidos nos meandros estéticos do conto "A fuga" (AF[33]) de Lygia Fagundes Telles, publicado no livro "A estrutura da bolha de sabão", em 1978. Buscaremos, nos mecanismos de encaixe e articulação da organização textual dessa narrativa telliana, lançar um olhar-leitor sobre a discursividade que se instaura ulterior ao engendramento da extensão textual que compõe o conto.

É nosso fito observar as relações determinativas e explicativas que se instituem na superfície linguística dessa composição narratária, em cujo ínterim irrompe uma exterioridade-anterioridade, construtora de

[2] A cogência diz respeito ao *referendum* lógico de sentidos, mediante a prevalência e a eficácia de sua representação enquanto convicção prospectiva (cf. FERREIRA-ROSA, 2009, p. 78, em nota de rodapé). Ou seja, a construção de visadas hermenêutica está estritamente ligadas às inscrições discursivas em cujos ínterins sujeitos leitores se (des)constroem, mediante ao *referendum* de sentidos instaurado por essas inscrições, instituindo representações axiológicas de verdade e subjetividades.

[3] Utilizaremos a abreviação AF para referir ao conto "A fuga" constante da seguinte referência bibliográfica: TELLES, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

contradições e dissimetrias por discrepância[44]; como também o retorno de um saber no pensamento[55] que produz uma evocação sobre qual se apóiam tomadas de posição pela parte de um sujeito. Ou seja, temos por propósito escrutinar o funcionamento de elementos pré-construídos e evocações interdiscursivas que irrompem nos mecanismos de encaixe e articulação da materialidade linguística do conto de Telles, em questão.

Para tanto, embasar-nos-emos nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, precipuamente nas noções de sujeito, discurso, pré-construído e interdiscurso de Michel Pêcheux.

Entendendo que i) sujeitos, sentidos e discursos nunca estão completos ou acabados; ii) a *incompletude* é uma condição e característica do sujeito e do discurso; iii) os sujeitos estão em (des)contínuo e ininterrupto processo de construção, porque são descentrados, cindidos, interpelados pelas condições ideológicas; iv) é na relação com o outro[66] que sujeitos se constroem e se instauram; v) sentidos também estão em (des)contínuo e ininterrupto processo de construção, provocando efeitos por e para sujeitos; e que vi) no próprio imo das relações de estruturação e organização textual, elementos anteriores, exteriores, e independentes ao que é construído pelo enunciado irrompem e evocações simuladas que introduzem, sub-repticiamente, um novo pensamento que aponta para um outro lugar já sabido e conhecido, também se instauram; acreditamos poder construir uma apreciação analítico-interpretativa da superfície linguística de AF em relação cogente à exterioridade dela constitutiva.

Cônscios da complexidade e amplitude heteróclito-discursiva do espaço estético do conto, não pretendemos estabelecer "o" sentido da

[4] Entendemos dissimetrias por discrepância as relações de desigualdade construídas pela divergência de conteúdos de pensamento, em que um conteúdo irrompe no domínio do outro, como o impensado do pensamento, impensado que necessariamente é pré-existente e exterior à base linguística (cf. PÊCHEUX, 1997).

[5] Para Frege, avocado por Pêcheux (1997), pensamento não deve concebido enquanto o processo subjetivo imanente ao ato de pensar, mas enquanto aquilo que é objetivo e pode ser compartilhado por diferentes indivíduos, conforme o próprio autor afirma em nota de rodapé: "By a thought I understand not the subjetive performace of thinking but its objetive content, wich is capable of being the common property of several thinkers" (FREGE, 1948, p. 214). Com efeito, o pensamento é construído pela proposição em seu todo, produzindo um sentido assertível, portador de verdade.

[6] Esse *outro* é um exterior constitutivo dos processos discursivos, remetendo tanto ao mundo social, ao contexto sócio-histórico e ideológico no qual o sujeito está inserido, como também a um complexo discursivo composto por sujeitos outros, por vozes outras, com os quais aquele sujeito dialoga.

irrupção de elementos pré-construídos e evocações interdiscursivas nos encaixes sintáticos da narrativa, por meio de uma interpretação hermética e unilateral. Antes, ocuparemos o lugar de analistas do processo de produção de sentidos, concebendo que estes não estão encerrados nas palavras, pois não existe literalidade e unicidade sentidural, e nem estão submetidos apenas à exterioridade, em um mundo de essências. Tampouco os sentidos se encontram condicionados a um sujeito que controla a produção sentidural na enunciação e domina o seu falar. Mas são construídos em um movimento de alteridade entre sujeito, língua e exterioridade.

Na verdade, exporemos uma leitura que não se coloca unívoca e crassa, pretendendo ser uma verdade categórica. Mas um olhar-leitor, dentre tantos outros possíveis, sobre os efeitos de sentidos de elementos que irrompem como "sempre-já-aí" e como "já-sabidos" nas relações de encaixe e articulação da superfície de AF, enquanto construtores de contradições e dissimetrias por discrepância, tendo por crivos os seis baluartes concepcionais de sujeito e sentido elencados anteriormente.

1. Construindo um olhar-leitor sobre o pré-construído e evocações interdiscursivas nos meandros estético-linguísticos de "A fuga"

O conto "A fuga" integra os textos que compõe o livro "A estrutura da bolha de sabão". Publicada em 1978, essa obra tem por desígnio desembrulhar enigmas da condição humana[7], sobretudo, aqueles vinculados à rejeição e à formação da identidade do ser, obviamente relacionados a outras questões como morte, loucura, condição feminina, para citar algumas, e encarados de formas diferentes pelas personagens dos oito contos de que consta o livro.

É abordado, mormente, o universo feminino e suas diversas facetas: o acúmen, os desejos e carências inerentes à mulher, sobrepesando a condição feminina e sua busca pela emancipação. Contudo, não se trata de uma obra exclusivamente protagonizada por sujeitos mulheres. A figura do homem também aparece panoramicamente, marcando, de modo precípuo, o aspecto da fragilidade e das carências masculinas, como é o caso do conto "A fuga", que tem por tela principal Rafael, um moço

[7] Desvendar, dissecar a condição humana constitui uma obsessão e o motriz criativo da produção literária de Telles, conforme a própria instância de autoria enuncia de si e sobre si: "desde criança, comecei a plantar sementes nesse domínio [dissecar a condição humana] e nunca mais me largou a vontade de possuir uma visão sobre o ser humano" (TELLES, 2005).

inseguro, que ainda mora com os pais, dependendo economicamente e psicologicamente deles.

Apresentada por uma voz narratária de terceira pessoa, a enunciação então gira em torno dessa figura masculina: um jovem de vinte anos que morava com os pais e vivia de mesada. Cursava direito e era uma pessoa muito mimada e protegida pelos genitores, tendo em vista que tinha uma saúde muito frágil, como se observa no excerto abaixo:

> Se ao menos me deixassem trabalhar. Um homem da minha idade e vivendo de mesadas. Fechou as mãos enfurecidas. Ridículo. Estava farto de ouvir os argumentos do velho, "Sua saúde é frágil, filho. E você é extravagante demais. Trabalhando e estudando como você estuda, quando é que você vai poder descansar, quando?" (AF, p. 68).

No entanto, a doença não é revelada, sendo seu nome substituído por uma marca de supressão ou sempre evitado: "Ela [Bruna] estava farta de saber que ele não era um asmático, era mesmo um..." (AF, p. 69). Rafael era apaixonado por Bruna, uma mulher romana mais madura, considerada por ele próprio como sua amante, com quem levava uma vida boêmia e vivia os prazeres libidinosos, recitando-lhe trechos do livro bíblico "Cântico dos Cânticos", para enaltecer a beleza e a sensualidade de tal amante.

O conto é encetado com a fuga de Rafael de "alguma coisa medonha" que acontecera em sua casa. Sufocado e prisioneiro de uma nebulosa, ele precipita para fora, em direção ao parque:

> Rafael abriu o portão e correu para a rua. Sentia-se sufocado, prisioneiro de uma nebulosa espessa que o arrebatara e agora o levava para longe daquela coisa medonha que ficara lá atrás. Entregou-se num desfalecimento à viscosidade nevoenta e rolou ladeira abaixo. Não podia saber o que era, não se lembrava, mas tinha certeza de que era algo monstruoso, monstruoso demais, NÃO QUERO SABER! JÁ ESQUECI!... (AF, p. 65).

Logo em seguida, é-nos apresentado, tanto pela voz narratária quanto pelo fluxo de pensamento do jovem mediante o recurso linguístico do discurso indireto livre, a condição e o estado físico em que se encontra tal jovem: mãos geladas, face gelada, olhos esbugalhados, lágrimas nos olhos, respiração arquejada, sudorese, estado este que aos pouco vai se atenuando.

A partir dessas determinações, essa nebulosa parece acenar para o que poderia ser as náuseas das condições febris por que passou, decorrentes de um estado de enfermidade que sofreu, como se observa nos excertos abaixo:

> Queria andar, isso sim, ir andando sem destino, um convalescente debaixo do sol. Tão bom convalescer, voltar aos poucos ao dia-a-dia, verificar que ludo continuava igual, as ruas. As casas. O sol. O jornal diria que coisas terríveis estavam acontecendo lá fora e aqui dentro. Mas agora não queria ler nenhum jornal. Hoje não (AF, p. 66).

> "Não quero que me veja assim, ainda não, vai se preocupar, devo estar horrível!" Passou a mão pelo queixo. Ainda bem que fizera a barba, mas sentia sob os dedos a face afundada, ela podia se assustar. Passou as pontas dos dedos nos lábios feridos pela febre. Como poderia beijá-la com a boca desse jeito? Era tão impressionável, ia querer chamar o médico, horror! Voltar à engrenagem, laboratórios, exames. Outra vez? (AF, p. 67).

É justamente por relações determinativas, mediante as quais se atribuem designações a um referente, que a figura de Rafael vai se delineando ao longo da extensão narratária do conto: jovem, superprotegido pelos pais, vivia de mesada, tinha a saúde fragilizada, cursava direito, namorava uma mulher mais madura, estava fugindo de algo muito terrível que lhe acontecera (talvez um longo período de enfermidade), queria descobrir o que lhe tinha acontecido, estava fraco e debilitado, era um convalescente, gostaria de comprar um presente (uma joia para Bruna), queria liberdade e independência, dentre outras.

Se fôssemos, esquematicamente, representar essas relações determinativas, poderíamos condensá-las, obviamente que não se restringem somente a estas, mas, para efeitos de análise, recortamos em doze, no seguinte diagrama:

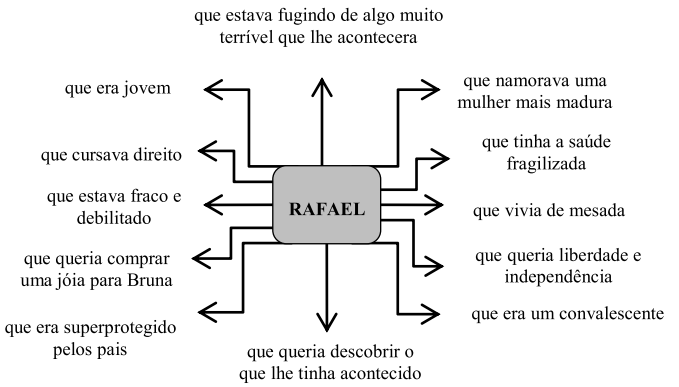


Diagrama 1: Epítome das relações determinativas em AF

É justamente nas vias dessas relações que os contornos identitários de Rafael se bosquejam. Um jovem, que vivia à custa dos pais, estudante de direito, de saúde frágil e em estágio de convalescença. Ansiava por independência tanto afetiva quanto financeira e era amante de uma mulher madura, a quem gostaria muito de presentear com uma joia. Além disso, estava fugindo de algo que não sabia bem ao certo o que era, mas que gostaria de saber. Algo terrível que o deixara com várias manifestações sintomatológicas e que lhe acontecera em sua própria casa.

Então, relações de explicação se instauram para dirimir questionamentos que se colocam no decorrer na narrativa: Por que era sustentado pelos pais? Por que preferia mulheres bem mais maduras? Por que passava mal? Por que saiu correndo de casa? O que queria descobrir sobre si? Por que queria ser livre? De que sofria afinal de contas?

Mediante proposições explicativas que vão se encaixando e articulando ao longo do conto, esclarecimentos vão se delineando: Rafael vivia à custa dos pais, porque, além da dependência financeira, também dependia emocionalmente; namorava Bruna, porque ela era mais madura e porque de certa forma o assistia afetivo-maternalmente[88]; queria

[8] Assim o dizemos por que Bruna parecia tratar Rafael tal qual um filho, como podemos depreender da seguinte passagem: "Hoje não 'Que sol! Brunavn, Bruna, que faz você debaixo deste sol?...' Como era mesmo? Cântico dos Cânticos, ela gostava de ouvir: 'Amiga minha, como és bela, como és bela! De pomba são teus olhos, por detrais do véu.' Tão sensual. Quente. O poema e ela. Hum, até que a vida era boa. E se fosse

liberdade, porque tinha cuidados aos excessos; passava mal, porque tinha uma doença grave cujo nome não podia se revelar; saiu correndo de casa, porque estava fugindo de algo relacionado à sua doença; tinha que descobrir o que era esse algo, porque isso lhe incomodava tanto, a ponto de o deixar com a garganta seca de pavor.

Dessa forma, teríamos então, esquematicamente, e longe de esgotar as inúmeras possibilidades que aparecem ao longo do conto, as seguintes relações explicativas:

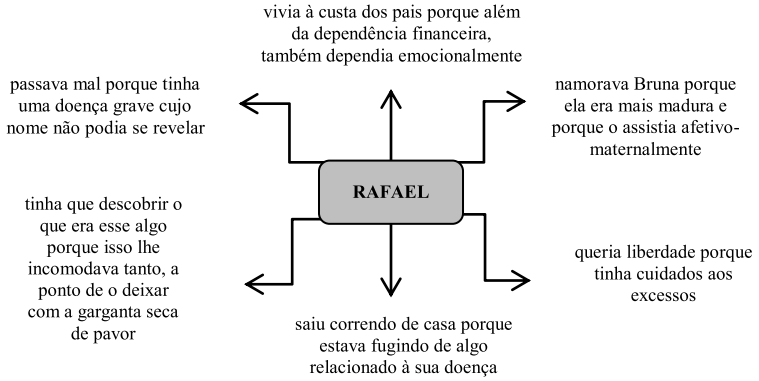


Diagrama 2: Epítome das relações explicativas em AF

E o porquê desse algo é um desiderato de Rafael, que, caminhando pelo parque, envolvo em seus pensamentos e percepções axiológicas de sua vida, tenta, então, esquecer, já que não conseguia recuperar pela memória o ocorrido:

> Vagou pelo parque o olhar comovido. Sentiu-se observado pelas árvores, a folhagem atenta inclinando-se à sua passagem, elas estão me vendo como eu as vejo. Nos entendemos tão bem. Fez um movimento para colher uma folha e não completou o gesto. Enfiou as mãos nos bolsos. Como se a árvore tivesse perguntado, respondeu que não, hoje ainda não estava muito brilhante. *Fraco. Dolorido*. Seria bom esquecer tudo que fosse desagradável: a *doença*, a marcação dos velhos, as argolas impossíveis... (AF, p. 68. Destaque nosso),

quando então passa mal novamente:

vê-la? Muito cedo, ela dormia até tarde. 'Vá-se embora, filhinho, pedia abraçando o travesseiro, quero dormir mais um pouco. Adoro dormir' (AF, p. 66).

> A nebulosa. "Outra vez?", gemeu Rafael estendendo os braços na tentativa de rasgá-la. Sentiu-a compacta, viscosa como o suor que agora corria de sua testa. Cobriu o rosto com as mãos. começou a tremer. E o pensamento detestável veio vindo, informe como a própria névoa, mas monstruoso, medonho, podia até apalpá-lo como apalpava a própria cara, "Mas o que é isto!? Meu Deus. o que é isto?" Escancarou a boca porque o ar também era espesso, impregnado de um cheiro nauseante que o umedecia inteiro como um líquido horrendo, pingando de algum lugar, pingando. Afrouxou a gravata, não quero lembrar, não quero! Saiu cambaleante, tentou reencontrar o parque através do muro gasoso, onde o céu, onde? (AF, p. 69).

> Vergou o corpo para a frente numa convulsão. Tinha agora um estilete descendo lento pela sua garganta num movimento de parafuso, já podia sentir a ponta feroz tocando-lhe as vísceras, um pouco mais fundo, mais fundo, mais. Tapou a boca para não gritar. Lágrimas correram-lhe na face. "Meu Deus, meu Deus!"

> "Já está passando", disse entreabrindo os olhos. Procurou o lenço, não encontrou. Relaxou os músculos. "Está passando..." (AF, p. 70).

> Rafael alisou os cabelos. Passou furtivo as mãos na cara e olhou de novo as mulheres, teriam notado? Não, provavelmente não e se notaram foram discretas, afinal, era apenas um desconhecido que se sentira mal, talvez estivesse vomitando. E daí? Pôs se a andar, afastando-se constrangido das crianças que agora corriam na sua direção [...] Sentia-se atordoado mas consciente. A vertigem passara o se o deixara exausto, dera-lhe em troca uma misteriosa calma (AF, p. 70).

Em meio a esses estados de vertigem, Rafael reflete sobre sua fragilidade, sua dependência dos pais, seu amor por Bruna, sua faculdade de direito, sua não condição de comprar sequer uma joia, algumas argolas de ouro para presentear sua amada, além do "pontinho monstruoso, memória escondida nele — ou fora dele? "Que foi que aconteceu, meu Deus?! O que foi?" (AF, p. 71). Pontinho monstruoso, coisa, ponto negro que remetem àquilo que lhe acontecera em sua casa e o fizera fugir de lá.

Ora, é justamente nessa fragilidade, nessa dependência, nessa enfermidade, nessa nebulosa que se abate sobre Rafael que contradições se instauram e dissimetrias por discrepância se instituem, pois, por evocações interdiscursivas (a Bíblia que é trazida à narrativa, versículos

do "Cântico dos Cânticos" que são citados[99]) que remetem a um dado discurso – neste caso, o bíblico – , fazem imergir na/da materialidade linguística elementos pré-construídos que apontam para um "já-lá", anterior e exterior ao conto.

Isso nos leva a ponderar sobre o Rafael do mundo estético de AF e o Rafael da/na discursividade bíblica, enquanto dois domínios de pensamento díspares que estabelecem entre si relações, contradições e dissimetrias. No discurso bíblico, Rafael é o arcanjo enviado ao jovem Tobias para curar o pai da cegueira (cf. BIBLIA SAGRADA, 2000, Tb, 6-12). Na verdade, é a divindade da cura, cujo nome em sua raiz hebraica, remete à expressão "Deus cura"[1010]. Ao passo que na narrativa

[9] Encontramos as seguintes remissões: " 'Que sol! Bruna, Bruna, que faz você debaixo deste sol?...' Como era mesmo? Cântico dos Cânticos, ela gostava de ouvir: 'Amiga minha, como és bela, como és bela! De pomba são teus olhos, por detrais do véu.' Tão sensual. Quente. O poema e ela. Hum, até que a vida era boa. E se fosse vê-la? Muito cedo, ela dormia até tarde. 'Vá-se embora, filhinho, pedia abraçando o travesseiro, quero dormir mais um pouco. Adoro dormir'" (AF, p. 66).

"Mas por que se preocupavam tanto com ele? Como se fosse um nenê. Riu. 'Queridos paizinhos. o nenê já tem uma amante. Ela é linda como um cabrito montês, não estou exagerando, está na Bíblia que vocês têm na cabeceira, as coxas, os seios...'" (AF, p. 67).

[10]e Rafael não somente liberta o pai de Tobias, como também executa várias outras intervenções de ordem restituidora, como se observa no capítulo 12:

"Então Tobit chamou seu filho e disse-lhe: Que havemos nós de dar a esse santo homem que te acompanhou?
Meu pai, respondeu ele, que gratificação lhe havemos de dar? Que presente poderá igualar os seus benefícios? Ele levou-me e trouxe-me em boa saúde; foi receber o dinheiro de Gabael; fez-me ter uma mulher e afugentou dela o demônio; encheu de alegria os seus pais; livrou-me de ser devorado pelo peixe, e fez-te rever a luz do céu; enfim, ele cumulou-nos de toda a sorte de benefícios. Que presente poderia igualar a tudo isso? Rogo-te, meu pai, que lhe peças se digne aceitar a metade de tudo o que trouxemos.
Chamaram-no, pois, o pai e o filho, e, tomando-o à parte, rogaram-lhe que aceitasse a metade de tudo o que tinham trazido.
Então ele falou-lhes discretamente: Bendizei o Deus do céu, e dai-lhe glória diante de todo o ser vivente, porque ele usou de misericórdia para convosco. Se é bom conservar escondido o segredo do rei, é coisa louvável revelar e publicar as obras de Deus. Boa coisa é a oração acompanhada de jejum, e a esmola é preferível aos tesouros de ouro escondidos, porque a esmola livra da morte: ela apaga os pecados e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna; aqueles, porém, que praticam a injustiça e o pecado são os seus próprios inimigos. Vou descobrir-vos a verdade, sem nada vos ocultar. Quando tu oravas com lágrimas e enterravas os mortos, quando deixavas a tua refeição e ias ocultar os mortos em tua casa durante o dia, para sepultá-los quando viesse a noite, eu apresentava as tuas orações ao Senhor. Mas porque eras agradável ao Senhor, foi preciso que a tentação te provasse. Agora o Senhor enviou-me para curar-te e livrar do demônio Sara, mulher de teu

de AF, Rafael é frágil, debilitado e doente, alguém que precisava se curar, tendo em vista que queria muito viver e se constituir um sujeito independente, autônomo, seguro de si.

É uma contradição que irrompe no próprio domínio dos encaixes sintáticos, construtor dos meandros estéticos do conto, em cujos ínterins dissimetrias se constroem: cura/doença, forte/frágil, arcanjo/humano, imortal/mortal, etc. Dissimetrias que se instauram para além da superfície textual, pois, por evocações de um "já-sabido", "já-conhecido", remetem para uma anterioridade e uma exterioridade que provocam efeitos. Efeitos de um atravessamento religioso, enquanto discurso transverso, que, nas articulações de pensamentos estéticos, provoca discrepâncias, incongruências: Como alguém, cujo nome e discursividade prerroga vigor, vitalidade, fé, força, pode ser tão frágil, tanto física, quanto emocionalmente? O que esse já-construído significa ao atravessar esse sincrônico construir estético?

Com o avançar da narrativa, caminhando para o desfecho, tal contradição irrompida nesse atravessamento discursivo se atenua e/ou se acentua, levando-nos a alguns encaminhamentos hermenêuticos.

Rafael, então, após passar mal e não conseguir se controlar , envolvo na nebulosa, retoma os passos para sua casa, onde acontecera aquilo que o deixava tão apavorado: "Por que se aproximava mais uma vez daquilo?! Se a COISA estava lá, à sua espera?" (AF, p. 71); "E prosseguiu subindo, ladeira acima, deixando-se levar com a miserável passividade de uma coisa que o vento carrega. Caiu de joelhos, arquejante, a COISA acontecera próximo à sua casa. Estremeceu. A COISA acontecera na sua própria casa!" (AF, p. 72).

Ao chegar ao portal de sua casa, o jovem vê muita gente no portão, o pai prostrado na poltrona lívido e cabisbaixo, um caixão no meio da sala. Seria esse algo tão assustador a morte da mãe? "Ah, tinha que saber, foi com minha mãe? Foi com ela?... 'Mãe!', gritou aproximando-se do grupo compacto de homens. Afastando-os com brutalidade, deu com um caixão. Na sua frente estava agora um caixão negro, de novo quis recuar, cobriu a cara. 'Não, não!'" (AF, p. 72).

---

filho. Eu sou o anjo Rafael, um dos sete que assistimos na presença do Senhor.
Ao ouvir estas palavras, eles ficaram fora de si, e, tremendo, prostraram-se com o rosto por terra". (BÍBLIA SAGRADA, 2000, Tb, 12, 1-16)

Isso faz Rafael figurar um sujeito restaurador, marcado pela bem aventurança. Com efeito, é uma figura forte, adjutória, propugnácula, que assiste na presença da maior divindade do universo.

Mas, em seguida, a mãe entra na sala e "inesperadamente, como se o puxassem pelos cabelos, ele (Rafael) debruçou-se sobre o caixão e se encontrou lá dentro" (AF, p. 72).

Abruptamente, de forma excêntrica e inesperada, chega-se ao desenlace do conto, fazendo perquirições assomarem. Então, o jovem estava morto e era sua forma etérea que divagava pelo parque tentando entender o que acontecera e fazendo um balanço crítico de sua vida? Ou seria uma representação simbólica enquanto forma de alerta para que mudasse o percurso de sua vida e passasse a viver de modo pleno e insigne?

Pelas vias do pré-construído, a anterioridade-exterioridade que se estabelece pela evocação interdiscursiva, diremos que o efeito-leitor que as contradições, dissimetrias por discrepância instauram, em nossos domínios subjetivos, e o processo identificatório, que estabelecemos com espaço literário do conto, remete para o segundo mirante.

Ora, tal percepção hermenêutica retoma a discursividade da figurativização angelical instaurada nas contradições entre Rafael bíblico e Rafael estético, cuja sentiduralização acena muito mais veladamente para o anúncio, para a predição, para o vaticínio, do que para a eterização de um espectro obsedante que divaga em uma temporalidade e espacialidade pós-morte, representando a separação entre a alma e o corpo, que marca a passagem a outro estágio espiritual ou à vida eterna.

Com efeito, a angelitude, no ínterim do discurso religioso-bíblico, ressuma os prenúncios, visitas espirituais para a transmissão de recados, admoestações divinas. Para citar alguns, remetemo-nos à visita do anjo a Sarai, esposa de Abrão, levando o recado da concepção de um filho, Isaque (cf. BÍBLIA SAGRADA, 2000, Gn, 18); a aparição de um anjo a Jacó em sonhos, ordenando-lhe mudar de lugar (cf. *op. cit*, Gn, 31); a visita do anjo Gabriel a Maria, anunciando o nascimento de Jesus (cf. *op. cit.*, Lc, 01).

Justamente por esse exterior-anterior do atravessamento do discurso bíblico no discurso estético-literário de AF, é que entendemos que "o estar deitado no caixão" foi uma advertência, um anúncio etéreo-visional para o sujeito Rafael do mundo estético e por extensão aos sujeitos que se (des)identificarem com ele: a dependência, a fragilidade, a fraqueza frente à vida e aos outros é a própria morte que consome; mesmo estando de pé, pensando, refletindo, mas não lutando ou agindo, é como estar estirado em um caixão, prestes a ser enterrado. A vida é independência, é liberdade, é atividade, é vigor, é força, e, sobretudo, é uma (in)constante luta.

Nesse sentido, pelo transpassar de um discurso religioso-bíblico na esteticidade material do conto, construindo contradições e dissimetrias por discrepância de domínios de pensamentos díspares, sentidos e sujeitos emergiram. Não obstante um desenlace ilógico e pintalifúsio, percepções hermenêuticas e visadas leitoras se fazem possíveis pelas vias dos elementos pré-construídos que irrompem nas articulações e encaixes das relações determinativas e explicativas. Percepções e visadas que apontam para um prenúncio etéreo, uma admoestação vivaz que premune os modos de enfrentar e encarar a vida: com tenacidade, com sagacidade.

Considerações finais

Sendo assim, construímos um olhar-leitor sobre a construção de sentidos e sujeitos pelas vias do pré-construído e evocação interdiscursiva nos mecanismos de encaixe e articulação dos meandros estético-literários do conto "A fuga", narrativa integrante da obra "A estrutura da bolha de sabão".

Um olhar que teve por desiderato delinear um efeito-leitor das contradições e dissimetrias por discrepância que se instauram nos encaixes sintáticos dos enunciados estético-linguístico em relação a uma anterioridade-exterioridade ulterior aos seus limites materiais. Um efeito, dentre vários outros possíveis, que procurou, no funcionamento discursivo irrompido na articulação de pensamentos estéticos, discrepantes, ambíguos, na abertura sentidural do desenlance narratário, vislumbrar uma percepção hermenêutica que aponta para a eterização de um acontecimento construído no conto: estar vivo, mas estar deitado em um caixão.

De fato, uma eterização que se construiu pelo funcionamento do pré-construído e evocação interdiscursiva e estabeleceu, dentre infinitos mirantes, uma visada interpretativa pelos crivos de uma admoestação: se curvar debilitantemente ante a vida, é se entregar à morte; não lutar pela vida é como estar estirado em um esquife, prestes a ser inumado. Uma admoestação instituída pela singularidade e esteticidade da base material do conto em consonância aos aspectos da exterioridade que lhe constituíram, desvelando que não é no equilíbrio, na exatidão das formas linguísticas, na organização estrutural dos elementos textuais, que se instauram os sentidos e os efeitos-sujeitos. Mas nos interstícios,

nos vãos, nos entremeios, nas ambiguidades, nas contradições, nas assimetrias, enfim nas meias-luzes dos fios textuais dos mecanismos de encaixe e articulação, como já anunciava a epígrafe (TELLES, 2010, p. 18) deste trabalho, que sujeitos e sentidos se (des)constroem. No que escapa, mas que está urdido nos fios materiais da língua.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000.

FERREIRA-ROSA, Ismael. *Inscrições discursivas na narrativa de As Horas Nuas de Lygia Fagundes Telles*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras de Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

FREGE, Gottlob. Sense and reference. *The Philosophical Review,* Volume 57, Issue 3, May, 1948. p. 209-230. Disponível em http://links.jstor.org/sici?sici=0031-8108%28194805%2957%3A3%3C209%3ASAR%3E2.0.CO%3B2-X. Acesso em: 24 jun. 2002, às 19h52min.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso:* uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani *et al*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 163-253.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso:* uma crítica à afirmação do óbvio. 3 ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

TELLES, Lygia Fagundes. *As Horas Nuas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Os superficiais nao deixam marcas da sua andadura. *Diário de Notícias*, Lisboa, 13/10/2005. Entrevista. Disponível em <http://www.presenca.pt/imprensa_detalhe.asp ?id=262>. Acesso em: 06 jul. 2007, às 22h01min.

_____. *A estrutura da bolha de sabão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Recebido em 15/10/2010
Aceito em 03/11/2010